

2.3. Caracterização da Arqueologia Regional



“No Brasil, como em outros lugares, os homens pré-coloniais dependiam extremamente das condições geográficas em relação a suas andanças, a seu tipo de alimentação e à fabricação dos instrumentos necessários a sua sobrevivência” (PROUS, 1992, p.35).

Seguindo por lugares diferentes, cada grupo étnico pré-colonial, a seu modo, desenvolveu uma cultura, no âmbito material e imaterial, adaptada às necessidades de sobrevivência. As populações pré-coloniais dispoñdo de pouco avanço tecnológico dependiam quase que exclusivamente das condições ambientais para a sobrevivência grupal. Nesse sentido, é possível que as populações tenham desenvolvido compartimentos na sua cultura que oferecessem respaldo ao ambiente elegido como ideal ou não, seguindo pressupostos culturais.

Numa leitura do ambiente, mediada pela cultura, os grupos culturais não resolviam estabelecer assentamento em ambiente tido como algo alheio, desafiador, selvagem, desconhecido, a partir do qual tivessem que se adaptar conforme sua mobilidade. Até como mecanismo preservador, essa mudança abrupta de ambientes poderia, com o passar do tempo, destituir a identidade cultural legitimada e vivenciada por cada integrante do grupo e, por conseguinte, desfragmentar o grupo.

De acordo com Faccio (1998, p. 36), para estabelecer um novo aldeamento o grupo pré-colonial.

[...] escolhia unidades geográficas, [...] de acordo com as atividades que pretendia desenvolver. A forma do relevo, as reservas petrográficas, as fontes de argila, a proximidade de água e a vegetação são fatores que o homem verificou antes de instalar seu assentamento em um determinado espaço.

A forma própria de apropriação da natureza varia o que pode ser percebido e estudado por meio dos objetos técnicos (artefatos) que o homem criou para realizar tal objetivo inerente a sua cultura.





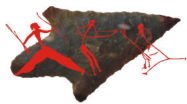
Nesse processo de interação do homem com o seu meio natural, a tecnologia atua como um mecanismo de intermediação a partir do qual é definido o modo como os homens irão organizar os meios materiais e os conhecimentos para explorar os recursos naturais e transformá-los em produtos culturais (SILVA, F., 2000, p.225). Ao mesmo tempo, a cultura material é um veículo através da qual os grupos sociais constroem sua alteridade e expressam mensagens sobre o seu modo de pensar e de viver tratando-se, portanto, “de exteriorização material de idéias e conceitos que podem ser decodificados, ou melhor, interpretados segundo o contexto cultural em que se inserem” (RIBEIRO, 1987, apud SILVA, F., 2000, p.20).

A cerâmica e a pedra trabalhada (por lascamento ou polimento) são, por excelência, objetos ligados às atividades de subsistência de grupos pré-coloniais. E, nesse sentido, esses vestígios culturais por si só apresentam uma gama variada de tipos e funcionalidades, mesmo quando analisados dentro de uma mesma tradição cultural. As formas líticas e cerâmicas, bem como o tamanho dos sítios, localização, forma etc, fornecem informações sobre aspectos da cultura, inerentes a cada tipo de produção.

Pesquisas arqueológicas de caráter sistemático não foram desenvolvidas na região onde será implantado o empreendimento. Mesmo assim é possível conhecer, ainda que em parte, o Sistema Regional de Ocupação da área. Reconhecemos para a região ocupações de grupos caçador-coletores (**Tradição Humaitá**), horticultores (**Tradição Tupiguarani, Itararé**) e da sociedade nacional (**Tradição Neobrasileiro**).

Dessa forma, a arqueologia regional na área da Bacia do Rio Paraná, onde se insere a Bacia do rio Capivari, que por sua vez deságua no rio Tietê da qual parte das terras do **Município de Campinas, São Paulo** fazem parte, vem sendo reconstituída levando-se em consideração **quatro** sistemas regionais de povoamento pré-colonial: **1) Sistema**





Regional Umbu; 2) Sistema Regional Tupiguarani, 3) Sistema Regional Kaingang e 4) Ciclos Regionais da Sociedade Nacional.

▮ **Sistema Regional Umbu.** Integra uma faixa de tensão com sistemas de caçadores, provavelmente originários da bacia do Alto Tocantins e do Alto São Francisco. No território paulista predominam influências recíprocas de ordem social, econômica e cultural, provocando certa identidade fronteiriça nos sistemas envolvidos. Para a bacia do Rio Paraná registra-se a presença de grupos caçadores-coletores ligados a Tradição Umbu (Moraes, 2003).

As ocupações de grupos caçador-coletores da **Tradição Humaitá** são freqüentes em áreas próximas aos **Rios Paraná, Tiete, Piracicaba e de pequenos córregos ou ribeirões em terraços colúvio-fluviais marginais**. Soma-se a essas características a presença de mata galeria, corredeiras e a proximidade de rochas aptas ao lascamento, seja na forma de cascalheira ou de afloramentos rochosos.

Os principais vestígios deixados por esses grupos são estruturas de combustão e a pedra lascada utilizada para:

- Trabalho em madeira (aplainamento; alisamento de galhos; confecção de abrigos temporários, arcos-flechas, bordunas, canoas etc);
- Preparo de alimentos animais e vegetais (corte de carnes e frutas);
- Raspagem de peles e ossos de animais;
- Abate de animais e madeiras;
- Perfuração de objetos.

Os índios da Tradição Umbu souberam aproveitar economicamente a mata galeria, os animais (terrestres e aquáticos), os peixes, as fontes de rochas aptas ao lascamento, os rios e ribeirões presentes na área de seus assentamentos e entorno. Essas ocupações, atualmente, estão enterradas a mais de um metro de profundidade. Contudo, as profundidades em que são encontrados os vestígios dessas





ocupações variam de acordo com a característica específica referente ao processo de sedimentação, este seguido por processos de retrabalhamento das camadas estratigráficas de cada área. Nessas ocupações, atualmente, o arqueólogo encontra pedra lascada em sílex, calcedônia, quartzo, basalto, arenito silicificado etc.

Em sítios da Tradição Umbu as estruturas de combustão estão associadas ao lascamento da pedra, pois os índios aqueciam as pedras em fogueiras, visando aumentar sua plasticidade, a fim de facilitar o ato do lascamento. Em ocupações de grupos caçadores-coletores é comum a presença de estruturas de combustão associadas ao pré-tratamento térmico da rocha apta ao lascamento (MORAIS, 1983; VILHENA-VIALOU, 1983/1984; FACCIO, 1992).

A tecno-tipologia lítica desses grupos tem por característica peças bastante elaboradas, entre as quais se destacam artefatos como: raspadores, furador-raspador, talhador, percutor, ponta de projétil etc (**Fotos 1, 2 e 3**).



Foto 1: Ponta de projétil da Tradição Umbu, Campina, SP – FACCIO, 2005.



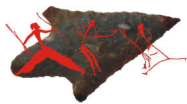


Foto 2: Ponta de projétil do Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos. Município de Amparo, SP – FACCIO, 2005.



Foto 3: Ponta de projétil do Sítio Arqueológico Valone, Iepê, São Paulo e Residencial Saint Hélène, Capinas– FACCIO, 2006. Foto: Olavo Santili, 2006.

O tamanho das peças, muitas vezes, varia de acordo com a fonte de matéria-prima. Se a fonte de matéria-prima for uma cascalheira, o comum são instrumentos pequenos. Se a fonte for a rocha, a tendência é a confecção de instrumentos robustos.

A técnica de lascamento utilizada por esses índios era comumente a percussão direta com percutores duros, resultando em peças com secção plano-convexa, que tinham os seus bordos retocados de acordo com a função que pretendiam. A utilização de percutores macios ou da percussão indireta é registrada com pouca frequência.

Os índios caçador-coletores da Tradição Humaitá são surpreendidos por grupos horticultores das **Tradições Tupiguarani** e





Itararé, por volta do ano 1000, tendo sido dizimados, absorvidos ou aculturados por esses últimos.

▮ **Sistema Regional Tupiguarani.** Formado por comunidades sedentárias. Os índios tupi-guarani, provavelmente são originários da Amazônia Ocidental, migraram pelas calhas do Rio Paraná e de seus afluentes, após um longo período pelas bordas ocidentais do Planalto Central Brasileiro. Os sistemas regionais de agricultores do Estado de São Paulo foram desmantelados pelas várias frentes de invasão ibérica, a partir do século XVI. No caso do macro sistema regional de agricultores, a faixa de extensão fronteiriça entre os sistemas fica no quadrante sudeste do Estado de São Paulo, nos limites das bacias do Paranapanema, Ribeira e Tietê médio-superior. Ai se deparam os sistemas guarani, kaingang e tupinambá. Guarani e tupinambá resultam do novo entendimento do que teria sido uma Tradição Tupiguarani (Morais, 2003).

A cerâmica é o elemento diagnóstico da **Tradição Tupiguarani**. Aldeias de grupos portadores da cerâmica da Tradição Tupiguarani ocorreram intensivamente ao longo de todo o Rio Paranapanema e Paraná e de seus afluentes em área de alta ou média encosta e mais raramente em terraços fluviais. Os acampamentos ocorreram nas proximidades de cursos d'água secundários. As datações absolutas para a Tradição indicam o período de 410 d.C., Sítio Jango Luís (Município de Angatuba, SP), a 1480 d.C, Sítio Almeida (Município de Tejuapá, SP). Entretanto, as evidências de contato com os jesuítas atestam sua permanência até os séculos XVI e XVII.

A Tradição Tupiguarani é atribuída a tribos indígenas guarani ou tupi, devido a correlação que se faz com grupos históricos, embora saibamos que quando essa tradição foi criada ela não assegurou correspondência étnica com tribos indígenas guarani ou tupi.





A cerâmica é caracterizada pela presença de uma decoração policrômica com traços ou faixas retos ou curvos em preto ou vermelho, aplicados com pincel ou com o dedo, sobre fundo engobado branco ou creme. Os pontos associados às linhas curvas em preto ou vermelho sobre engobo branco também são comuns. O antiplástico utilizado por excelência é o mineral associado ao caco moído, sendo esse último elemento identificador da Tradição Tupiguarani e aflora na parede das vasilhas. O carvão como antiplástico foi identificado em poucos sítios e em pequena porcentagem, estando presente na área do baixo e médio paranapanema. No Estado do Paraná sua ocorrência é baixa nessa tradição.

As vasilhas dessa tradição são confeccionadas a partir de cordéis superpostos em espiral, da base em direção a borda. Contudo, as miniaturas são confeccionadas por modelagem a mão.

Quanto aos tipos cerâmicos, podemos destacar o simples, o pintado, o engobado, o corrugado, o corrugado-ungulado, o ungulado, o escovado, o pontado, o inciso, o acanelado, o digitado, o digitungulado, o nodulado, o pinçado, o beliscado e o roletado. A associação desses tipos em um mesmo vaso é bastante comum. Geralmente, a metade inferior do vaso é lisa ou escovada.

Os tipos mais comuns são os decorados com técnicas plásticas, realizadas com as unhas (unguladas), com as pontas dos dedos (corrugadas), com auxílio de objetos como sabugo de milho (escovadas) ou espátulas (entalhado). Essas decorações são realizadas logo após a confecção do vaso, enquanto a argila está mole. O entalhe realizado por esse grupo indígena estão sempre localizados no lábio do vaso.

A quantidade de vasos decorados varia de uma região para outra. Muitas vezes o vaso associa o tipo simples com um ou mais tipo de decoração, configurando-se uma decoração zonada, principalmente para os grandes vasos.





As decorações pintadas são realizadas na parte interna e/ou externa dos vasos, respeitando a forma. Nos pratos e tigelas rasas é comum a pintura nas faces interna e externa. Já nas tigelas fundas e nos vasos profundos o comum é a pintura na face externa. No caso dos vasos carenados, a única parte pintada costuma ser a superior, do ombro até os lábios, de forma policrômica (**Figuras 2, 3, 4 e 5**).

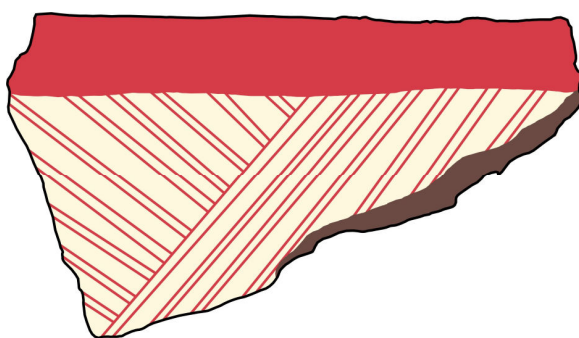


Figura 2: Fragmento cerâmico da área do ProjPar apresentando desenho *ipará rys ñovaiti*. Faccio, 2005

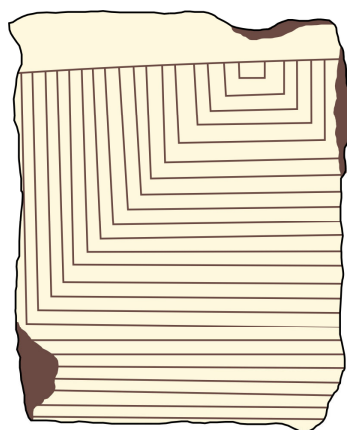


Figura 3: Fragmento cerâmico da área do ProjPar apresentando desenho *ipará karé i* ou imagem do jabuti. Faccio, 2005



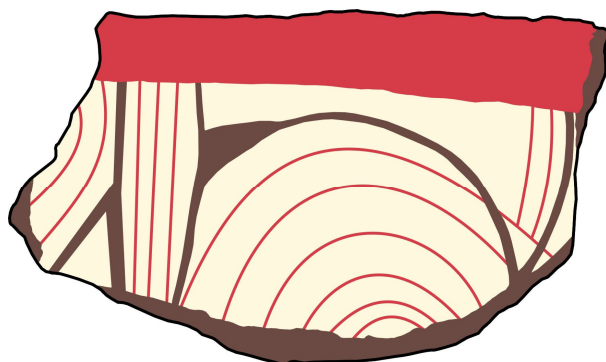


Figura 4: Fragmento cerâmico da área do ProjPar contendo linhas curvas associadas a linhas retas e faixas. Faccio, 2005.

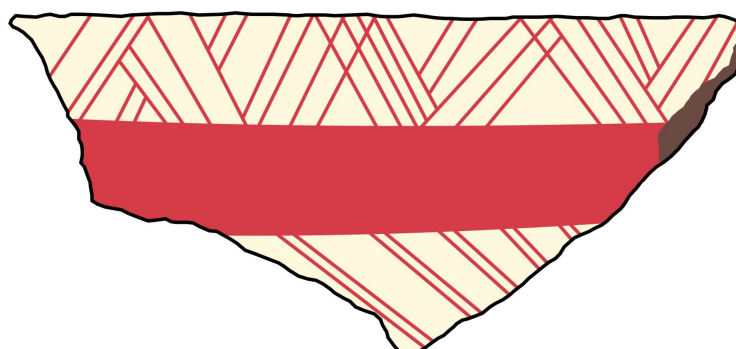


Figura 5: Fragmento cerâmico da área do ProjPar apresentando desenho ipirá panambi pepó (localizado acima da faixa vermelha) associado ao ipirá rysy (localizado abaixo da faixa vermelha). Faccio, 2005.

A análise da pintura ou incisão utilizada na cerâmica guarani, como, reflete de forma simbólica o cotidiano desses índios, permitindo ao arqueólogo ultrapassar a análise puramente morfológica dos vasos.

Os pigmentos são aplicados, na maior parte das vezes, antes da queima, tornando a pintura resistente. A análise dos pigmentos utilizados na pintura tem indicado uma origem mineral.





Usualmente a pintura preta ou vermelha é aplicada sobre engobo branco formando uma diversificada gama de desenhos geométricos. Os desenhos são constituídos por linhas ou faixas, retas ou curvas.

A queima dos vasos foi realizada em fornos a céu aberto, por isso as paredes nunca são totalmente oxidadas. Quanto às classes de vasilhas, podemos destacar as panelas para cozinhar (*yapepó*, **figura 6**), as caçarolas para cozinhar (*naetá*, **figura 7**), as jarras para bebidas em geral, especialmente bebidas fermentadas alcoólicas (*cambuchí*, **figura 8**), os pratos para comer (*ñaembé* ou *teembiru*, **figura 9**) e as tigela para beber (*cambuchi caguaba*, **figura 10**³). Cada uma dessas formas possui uma função distinta e por isso fornecem informações sobre o preparo dos alimentos em cada sítio.

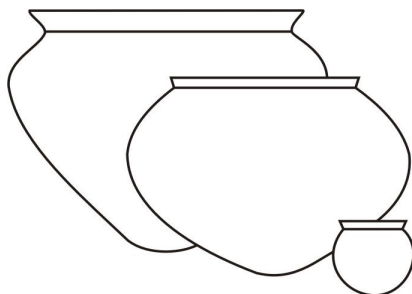


Figura 6: Forma da cerâmica arqueológica. Panelas ou *yapepó*.

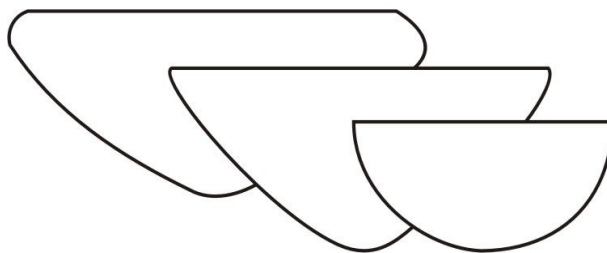


Figura 7: Forma da cerâmica arqueológica. Caçarola ou *ñaetã*.



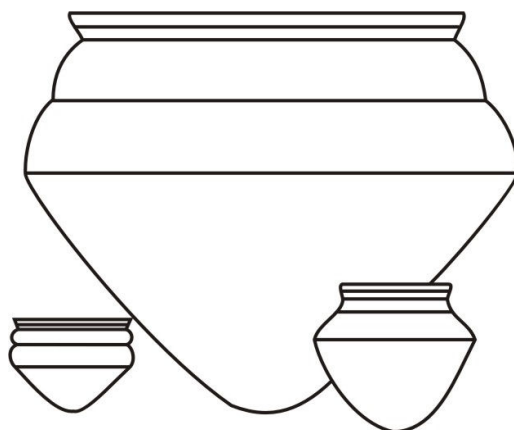
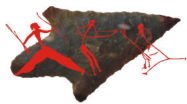


Figura 8: Forma da cerâmica arqueológica. Jarra para bebida ou *cambuchi*.



Figura 9: Forma da cerâmica arqueológica. Pratos para comer ou *ñaembé* ou *teembiru*.

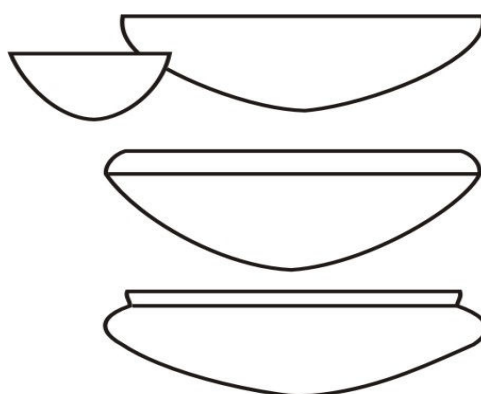


Figura 10: Forma da cerâmica arqueológica. Tigela para beber ou *cambuchi caguaba*.





Os recipientes são, em sua maior porcentagem, nas formas panelas ou *yapepó*, caçarola ou *ñaetã*, jarra para bebida ou *cambuchi*. Em menor quantidade aparecem os recipientes nas formas pratos para comer ou *ñaembé* ou *teembiru*, tigela para beber ou *cambuchi*. Predominam os vasos de tamanho grande, sendo que o tamanho e a forma variam de acordo com a função que se destinavam. É importante ressaltar que as vasilhas, de modo geral, usadas pelos índios no seu dia a dia, em momentos de morte eram reaproveitadas como urna funerária, tampa de urna e miniaturas ou formas pequenas eram usadas como oferenda que acompanhava o corpo (**Fotos 4, 5 e 6**).



Foto 4: Urna funerária da Tradição Tupiguarani do Estado de São Paulo, FACCIO, 2000.





**Foto 5: Urna funerária da Tradição Tupiguarani do Estado de São Paulo, FACCIO, 2000.
Foto: Olavo Santili, 2000.**



Foto 6: Urna funerária da Tradição Tupiguarani do Estado de São Paulo, FACCIO, 2000.

Contudo, a cultura material dos índios que produziram da denominada Tradição Tupiguarani é composta também por pedras polidas,





pedras lascadas, fundos de cabanas, estruturas de combustão, estruturas funerárias etc.

As pedras polidas são constituídas por lâminas de machado de diversas formas e tamanhos (**fotos 7, 8 e 9**), mãos de pilão, potes de pedra (**foto 10**), virotes (**fotos 11 e 12**), tembetás (**fotos 13 e 14**) etc. As boleadeiras são encontradas raramente nos Sítios da Tradição Tupiguarani (**foto 15**). As pedras polidas são objetos raros e frequentemente são encontrados muito desgastados ou quebrados. Exceção é observada quando essas peças estão associadas a cemitérios indígenas. Nesse contexto as peças, geralmente, estão bem conservadas.



Fotos 7, 8 e 9: lâminas de machado do Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos. Município de Amparo, SP.



Fotos 10: Pote de pedra com mão de pilão, Município de Iepê, SP. Faccio, 2002. Foto: Olavo Santilli, 2006.





Foto 11: Virote do Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos. Município de Amparo, SP. Faccio, 2005.



Foto 12: Virote do Oeste Paulista, Iepê, SP. Santilli, 2006.



Fotos 13 e 14: Tembetás dos índios da Tradição Tupiguarani, Estado de São Paulo. Faccio, 1992/2000.





Foto 15: Boleadeiras evidenciadas em Sítio Arqueológico da Tradição Tupiguarani do Estado de São Paulo. Faccio, 2002. Foto: Olavo Santili, 2006.

As pedras lascadas são abundantes nos sítios da Tradição Tupiguarani. São evidenciados, no geral, lascas, percutores duros e muitos resíduos. Os objetos dessa indústria são adequados para raspagem e corte de osso, carne e frutas.

As estruturas de combustão são evidenciadas próximas as habitações ou dentro delas. As menores estruturas evidenciadas dentro das habitações, certamente serviam para aquecer o ambiente e afugentar insetos. As maiores evidenciadas fora das habitações, certamente tinham várias funções como a de cozinhar ou assar alimentos, aquecer rochas aptas ao lascamento, afugentar insetos etc. São comuns as estruturas de combustão localizadas fora da habitação serem rodeadas por blocos de terra.

As estruturas funerárias são caracterizadas por enterramentos primários e secundários em vasos cerâmicos, na posição acorada, dentro das habitações ou em lugares próximos a habitação. Mais raramente foram evidenciados enterramentos diretamente na cova com a cabeça protegida por uma tigela com decoração pintada.





A forma dos sítios da Tradição Tupiguarani varia, e na maior parte dos casos a área investigada não corresponde à área total do sítio.

Quando a área do sítio arqueológico passou por trabalho de aragem nos últimos anos os vestígios dessas ocupações aparecem desde a superfície até uma profundidade máxima de 40 centímetros aproximadamente. Entretanto, quando o solo está livre da ação humana, esses vestígios raramente afloram a superfície, estando sob uma camada de solo que varia de acordo com os processos de sedimentação e erosão inerentes a cada área. Raramente é encontrada uma camada estéril, sobre os vestígios arqueológicos, mais espessa que 15 centímetros.

Na área desses sítios arqueológicos, além dos vestígios elementos da cultura material desses índios, já descritos, o arqueólogo também encontra de 1 a 10 manchas pretas. Os sítios com menos de 3 habitações foram poucos estudados até o momento. Os sítios com mais de três habitações são os mais comuns. As habitações, no geral, apresentam forma ovalar, dispostas de forma irregular dentro da área da aldeia. Essas manchas, portanto, são os testemunhos da área de antigas habitações, que depois de abandonadas apodreceram, deixando no solo as marcas de seu passado. Nesses locais, os índios faziam suas fogueiras para garantir o aquecimento e o afugentamento dos insetos, isso também enegrecia o solo, já que moravam várias famílias nucleares em cada habitação e cada família tinha a sua fogueira.

Um outro vestígio importante encontrado na área das habitações são os buracos de esteio, verdadeiros negativos dos locais onde os índios enterraram troncos para estruturar a habitação e para pendurar as suas redes.

Os buracos de esteio e as fogueiras internas da habitação são ótimos indicadores do número de famílias nucleares que cada casa comportava no período pré-colonial.





As características da cultura material de outros grupos indígenas que ocuparam a área do Rio Grande são pouco conhecidas, em razão, da escassez de pesquisas sistemáticas na região, alvo desse projeto. Entretanto, existe a possibilidade da ocorrência de sítios arqueológicos da **Tradição Itararé** nessa região.

▮ **Sistema Kaingang.** Relaciona-se com a Tradição Itararé.

Os vasos cerâmicos ligados a **Tradição Itararé** são geralmente utilitários e de pequeno tamanho. O antiplástico utilizado na argila é o mineral. As paredes são finas (de 4 a 8 milímetros), se compararmos com a cerâmica da Tradição Tupiguarani (0,4 a 7centímetros).

As vasilhas apresentam corpo cônico, semi-elípticas, em meia-calota ou meia-esfera. As peças com formas cônicas de abertura constrita ou levemente ampliada e de contorno infletido são denominadas *kruku*, no Rio Grande do Sul e *korã*, em São Paulo. As formas semi-elípticas, também denominadas tigelas rasas ou fundas, possuem contorno simples e abertura ampliada, são conhecidas como *pentky* no Rio Grande do Sul e em São Paulo. De forma geral, a decoração ou o tratamento de superfície é representado pelo tipo liso com brunidura. A Tradição Itararé possui várias fases e de acordo com essas fases até 35% do material cerâmico pode ser decorado. Os tipos mais comuns são o engobo vermelho, o inciso, o ponteadado, o carimbado e o escovado. Entretanto, o tipo liso com brunidura é a característica mais marcante no Estado de São Paulo. Quanto à forma, o tipo cônico é o mais comum. A técnica de manufatura utilizada é o modelado à mão.

Baldus, em 1947, coletou na região do Feio, junto aos kaingang, vasilhas cerâmicas, que estão hoje no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (**Fotos 16, 17, 18 e 19**).



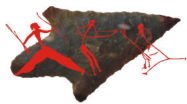


Foto 16: Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Cerâmica kaingang paulista (Krukrü) coletada por Baldus em 1947.



Foto 17: Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Cerâmica kaingang paulista (Krukrü) coletada por Baldus em 1947.



Foto 18: Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Cerâmica kaingang paulista (pentky) coletada por Baldus em 1947.



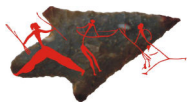


Foto 19: Acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Cerâmica kaingang paulista (pentky) coletada por Baldus em 1947.

Nas **fotos 20 e 21**, pode-se visualizar a cerâmica que compõe parte do mobiliário funerário encontrado em sepultamentos em montículos de grupo kaingang, em Guararapés, São Paulo, realizados provavelmente entre 1912 e 1945.



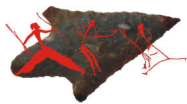
Foto 20: Forma da cerâmica (krukrü) proveniente de sepultamentos em montículos de grupo kaingang, localizado em Guararapes, São Paulo.



Foto 21: Forma da cerâmica (pentky) proveniente de sepultamentos em montículos de grupo kaingang, localizado em Guararapes, São Paulo.

Na **foto 22**, podemos analisar as formas da cerâmica kaingang presente no Museu Índia Vanuíre, Município de Tupã, São Paulo.





As peças foram confeccionadas pela índia kaingang Candire, hoje falecida, da Reserva Indígena Vanuíre, do Município de Tupã, São Paulo.

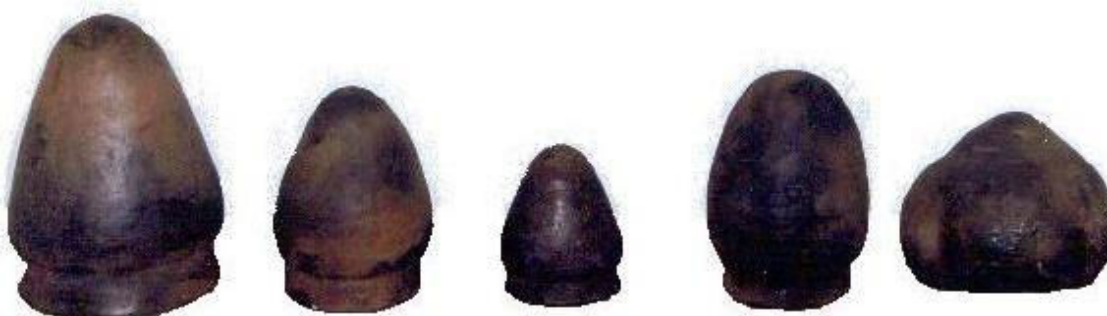


Foto 22: cerâmica kaingang (krukü). Acervo do Museu Índia Vanuíre, Município de Tupã, São Paulo. FACCIO, 1999.

As coleções apresentadas nas **fotos de 16 a 22** constituem importante referencial para o estudo da cerâmica arqueológica.

Segundo Brochado (1984), a dispersão dos grupos portadores de cerâmica itararé é decorrente de dois focos de desenvolvimento cerâmico: as tradições por ele denominadas Mina e Palo Blando, localizadas respectivamente na desembocadura do sistema fluvial amazônico (cerâmica Mina) e no estuário do Rio da Prata (cerâmica Palo Blando). Essas duas tradições teriam se originado de uma ‘tradição’ amazônica muito simples e mais antiga que deverá ser encontrada com uma datação muito anterior a daquela (Mina e Palo Blando) – talvez 5.000 a.C. – no nó de cursos fluviais da América do Sul, situado na Amazônia Central.

A Tradição Itararé está presente no planalto e litoral de São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

A tradição ceramista Itararé refere-se a um tipo exclusivamente tecnológico de cerâmica, pertencente a uma ampla e homogênea tradição cultural gê meridional pré-colonial que, no decorrer de um longo processo histórico-cultural de aproximadamente dois mil anos,





segundo o registro arqueológico, desembocará nas históricas e etnograficamente conhecidas sociedades jês meridionais: kaingang e xokleng.

Segundo De Blasis (1996) e Robrahn González (2000), a escassez de sítios arqueológicos pertencentes a populações kaingang no Estado de São Paulo deve-se a conflitos ocorridos com grupos tupi-guarani, por volta do ano 1000 d.C.

O reconhecimento atual de que quase todas as famílias lingüísticas do tronco tupi se concentram na região do alto Madeira, atribui a essa região, a condição de ponto inicial de dispersão de grupos ceramistas relacionados à Tradição Tupiguarani ou, melhor dizendo, grupos tupi e guarani.

Por sua vez, atribui-se como foco dispersor dos grupos portadores de cerâmica itararé, associados aos povos de língua Gê, a Amazônia Central por volta de 3.000 a.C. (ROBRAHN GONZÁLEZ, 2000).

No Estado do Paraná, as Tradições **Itararé e Tupiguarani** ocorrem espacialmente associadas. Já no Estado de São Paulo os sítios até o momento pesquisados mostram ocupação de espaços distintos. Entretanto, ocupações de grupos ceramistas da Tradição Tupiguarani apresentam no Estado de São Paulo, por vezes, cerâmica Itararé associada. É necessário um maior empenho, no sentido de estudar as fronteiras e interações culturais desses grupos para que possamos entender a ocupação do Estado de São Paulo no período pré-colonial.

▣ **Ciclos Regionais da Sociedade Nacional.** Compreende o sistema da Arqueologia do Período Histórico, considerados no âmbito da história social e econômica do Brasil.

Nesse período nos deparamos com sítios que apresentam elementos da cultura indígena, européia e negra. Esses objetos aparecem em um mesmo sítio conservando suas características originais e em alguns





casos com suas características originais associadas. É comum, por exemplo, encontrarmos num vaso cerâmico com forma característica da Tradição Tupiguarani, alças ou asas, que são características dos vasos da cultura européia ou negra. Esses sítios têm esses objetos, fruto da produção de duas ou mais culturas, encaixados na Tradição Neobrasileira.

Entre os materiais dos sítios da Tradição Neobrasileira tem-se a cerâmica histórica de confecção manual, a louça, os produtos de olaria (telhas), os vidros, os metais etc.

A cerâmica histórica confeccionada por meio da técnica acordelada (superposição de roletes) pode ser visualizada nas **fotos 23, 24, 25 e 26**.



Foto 23: Fragmento de borda, com decoração do tipo inciso associado ao escovado e ao digitado (na borda). Sítio Itatiba, SP. Faccio, 2005.



Foto 24: Fragmento de borda, com decoração do tipo ungulada (ao lado do lábio). Neste caso a decoração foi produzida com o uso da unha e não com o de uma espátula. Sítio Itatiba, SP. Faccio, 2005.





Foto 25: Fragmento de parede, apresentando apêndice em forma de asa convexa e decoração unglada. Sítio Itatiba, SP. Faccio, 2005.



Foto 26: Fragmento de parede, apresentando apêndice em forma de asa convexa e decoração do tipo inciso. A peça apresenta marcas de fuligem. Sítio Itatiba, SP. Faccio, 2005.

As **fotos 27 e 28** apresentam uma tampa com pegador e engobo vermelho na face externa e encaixe na face interna. Este tipo de cerâmica é comum em sítios históricos do Estado de São Paulo.





Fotos 27 e 28: Cerâmica da Tradição Neobrasileira. Tampa confeccionada pela técnica de acordelamento com engobo vermelho na face externa. O engobo foi aplicado depois que a peça foi ao forno. Sítio Itatiba, SP. Faccio, 2005.

A cerâmica vidrada, também conhecida como louça vidrada aparece em pequena quantidade nos sítios históricos:

“era utilizada em utensílios de cozinha destinados à preparação e ao armazenamento de alimentos. O vidrado conhecido como “salt-glazed”, era aplicado apenas à parte interna dos recipientes, em tonalidades que variavam do amarelo-mostarda ao verde, dependendo do composto empregado na esmaltagem. As primeiras louças vidradas teriam vindo de Portugal, compondo o equipamento doméstico dos colonizadores. As notícias referentes à sua fabricação no Brasil aparecem apenas em documentos em torno de 1800” (Lima et al, 1989: 218 – 219).

A louça vidrada encontrada em sítios históricos é um tipo de cerâmica (terracota) revestida com vidrado amarelo, criada na busca de melhoria de qualidade e impermeabilidade para a cerâmica de uso diário. Comum em Portugal desde o século XVI, deve ter sido trazida desde essa





época para o Brasil. A sua produção nacional é disseminada em diversos estados brasileiros no século XIX (Brancante, 1981). **Na foto 29** podemos visualizar um fragmento de louça vidrada.

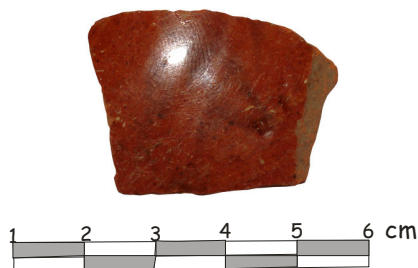


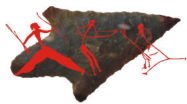
Foto 29: Fragmento de parede cerâmica vidrada. Sítio Itatiba, SP. Faccio, 2005.

O grés ou stoneware, presente nos sítios históricos, teve origem na china. Segundo Lima et al (1989), o grés foi:

“... produzido na Alemanha, por volta do século XVI, generalizou-se, passando a ser amplamente fabricado pela Inglaterra, França e Holanda. Por ser de grande resistência e impermeabilidade tornou-se excelente para o transporte de bebidas e outros líquidos. A Inglaterra e outros países exportaram, durante o século XIX, vários recipientes de grés contendo cerveja, genebra, água mineral e também tinta nanquim, entre outros produtos. A cor do grés pode variar do areia ao marrom avermelhado, bem como o formato das garrafas, dependendo do conteúdo. Muitas delas não apresentam marcas, e foram aqui reaproveitadas para engarrafar bebidas nacionais. Era comum o anúncio em jornais para compra de garrafas vazias, por um preço relativamente alto”.

O grés é o tipo de cerâmica que mais se aproxima da porcelana, possuindo aspecto vitrificado mais opaco. Segundo Fournier





Garcia (1990), o grés tem som metálico, não racha sob a ação do fogo e apresenta fratura conchooidal (**Fotos 30 e 31**).

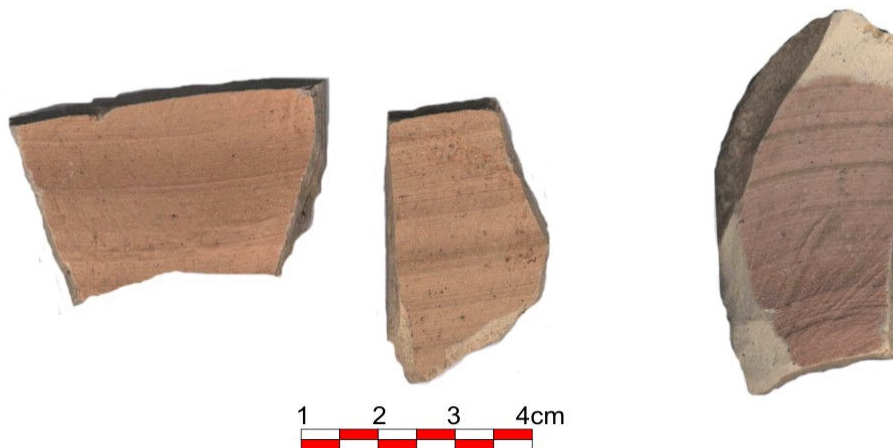


Foto 30: Fragmentos de grés. Sítio Itatiba, SP. Faccio, 2005.



Foto 31: Fragmento de parede de uma garrafa de grés, apresentando parte da marca. Sítio Itatiba, SP. Faccio, 2005.

A **foto 32** mostra um fragmento de faiança do Sítio Itatiba, onde verificamos a presença do craquelado, elemento diagnóstico da faiança.



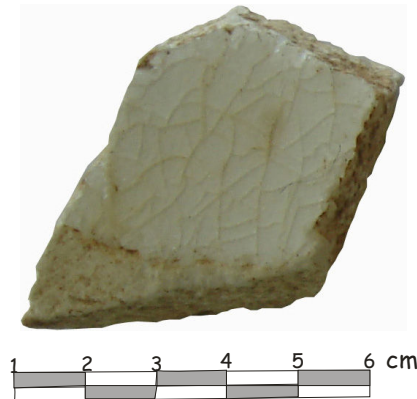
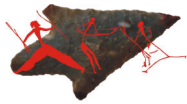


Foto 32: Faiança lisa (sem decoração). Sítio Itatiba, SP. Faccio, 2005.

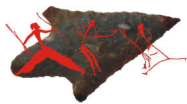
“A faiança, pela composição de sua argila e por seu cozimento em temperaturas mais baixas possui um aspecto mais rústico que a cerâmica. Leva também um banho de esmalte transparente e nova queima para ficar preparada para pintura e decoração. Seu aspecto final será de um craquelado não tão delicado e translúcido que a porcelana e lhe dá um aspecto de peça antiga (<http://www.cleidefermi.com.br/tecnicas>)”.

Segundo Albuquerque (1991) a faiança é um tipo de louça branca de pasta opaca, fratura irregular, porosa de coloração bege a avermelhada e esmalte poroso branco. O autor ainda escreve que a faiança foi produzida e exportada por Portugal para o Brasil desde a segunda metade do século XVI até início do século XIX.

A faiança fina lisa é comum em sítios históricos do século XIX, haja vista que era a louça mais barata e acessível no mercado (Miller, 1980).

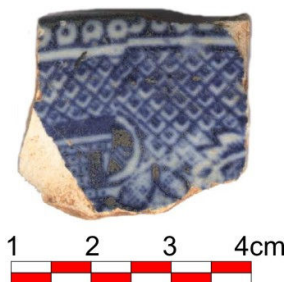
A faiança fina com padrão decorativo **Willow Pattern**, compreende o período conhecido como *Chinoiserie* e é comum em sítios históricos.





“O padrão é derivado originalmente dos chineses e fez sua aparição na Europa entre 1800/1815, atingindo posteriormente uma standardização. Foi extremamente popular na Inglaterra, gerando uma lenda e um soneto sobre o motivo. Até 1880 foi fabricado por 54 estabelecimentos cerâmicos ingleses. Apresenta variações de pasta, esmalte e tonalidade azul. Foi também fabricado nas cores verde e rosa, esta última em Maastricht, Holanda, por Petrus Regout” (Lima et al: 211).

Nas **fotos 33 e 34** podemos observar os fragmentos de faiança fina com padrão decorativo Willow Pattern.



Fotos 33: Fragmento de faiança com padrão decorativo Willow Pattern. Sítio Itatiba II, SP.Faccio, 2005.

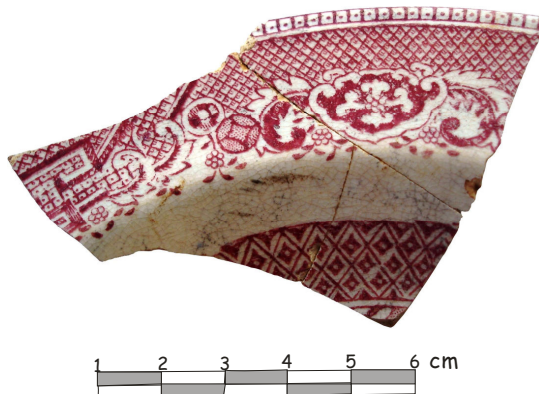


Foto 34: Fragmento de faiança com padrão decorativo Willow Pattern, fabricado no período de 1800 a 1880. Sítio Itatiba II, SP.Faccio, 2005.

A diferença entre cerâmica, porcelana e faiança consiste na matéria prima utilizada (argila), na sua maior ou menor pureza e na





temperatura em que as peças são cozidas (<http://www.cleidefermi.com.br/tecnicas>).

A porcelana foi inventada pelos chineses, que guardaram o segredo de fabricação até o início do século XVIII quando os europeus descobriram a técnica e passaram a produzi-la. No Brasil, após a abertura dos portos, com a chegada da família real portuguesa, no início do século XIX, as louças européias, primeiro as inglesas, depois as alemãs e francesas, foram conquistando o mercado (<http://www2.uol.com.br/historiaviva>).

Segundo Holanda Ferreira (sd: 1366) a porcelana é uma variedade de cerâmica dura, branca e translúcida, mais ou menos fina, preparada essencialmente com caulim, podendo ser ou não vitrificada. Segundo Worthy (1982) as altas temperaturas de queima a que são submetidas a porcelana (entre 1300⁰C e 1450⁰C) elimina o limite entre a pasta e o esmalte (**Fotos 35, 36 e 37**).

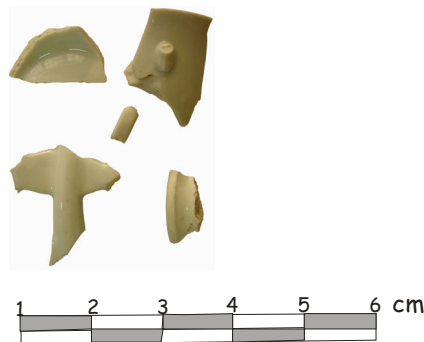


Foto 35: Fragmento de porcelana. Sítio Itatiba, SP. Faccio, 2005.



Foto 36: Fragmento de porcelana de pasta dura, com decoração moldada em relevo e em diferentes padrões, borda ondulada. Sítio Itatiba, SP. Faccio, 2005.





Foto 37: Porcelana, provavelmente do padrão policrômico, pintada à mão. Sítio Itatiba II, SP. Faccio, 2005.

A **foto 38** apresenta um frasco, de vidro, na cor azul cobalto de produção fabril, provavelmente utilizado para conter produto farmacêutico (o óleo de rícino). A peça foi confeccionada em molde duplo, apresentando dois traços verticais que percorrem a peça, da base ao gargalho. O gargalho foi produzido por sopro livre. Apresenta base cocava com fundo plano. Esta é uma característica da produção em máquina semi-automática de fabricação francesa. A base por ser produzida em molde apresenta cicatriz circular, causada pela lâmina que corta a massa incandescente quando o molde é preenchido.



Foto 38: Frasco de vidro fragmentado, provavelmente utilizado para acondicionar óleo de rícino. Sítio Itatiba II, SP. Faccio, 2005.





Segundo Lima (1996), o óleo de rícino era comumente utilizado como laxante e em problemas de prisão de ventre durante a segunda metade do século XIX.

Nos sítios da Tradição Neobrasileira, além das cerâmicas e louças, também são comumente evidenciados estruturas de casa, tijolos, telhas e metais.

2.3.1. Sítios Arqueológicos do Município de Campinas e Entorno

Na tentativa de esboçar um quadro da arqueologia, até o momento conhecida, do entorno da área do empreendimento, buscamos os dados referentes à arqueologia existentes para a bacia do Rio Piracicaba.

A bacia do Rio Piracicaba faz parte do contexto arqueológico da bacia do médio Tietê. Essa área foi ocupada por **bandos de índios caçadores-coletores** a partir de 9.000 até 2.500 AP e por **tribos horticulturas** que produziram as cerâmicas **das Tradições Tupiguarani ou Itararé** a partir de 800 AP até a chegada do colonizador europeu.

Apesar de pesquisas sistemáticas não terem sido realizadas nessa área, podemos apresentar os resultados dos trabalhos realizados por arqueólogos nos Municípios de Santa Bárbara do Oeste, Anhembí, Laranjal Paulista, Capivari, Campinas, Limeira, Amparo, Ipeúna, Mogi Guaçu, Rio Claro, Piracicaba, São Carlos, Itirapira, Vinhedo, Monte Mor e Atibaia.

No Município de Campinas, SP, Caldarelli, Blassi e Gaissler (1999) registraram a presença de sítios históricos.

No Distrito de Souza, Município de Campinas, SP, Faccio (2005) encontrou uma ponta de flecha em sílex preto.

Caldarelli (2001) em diagnóstico realizado para o trecho de prolongamento da Rodovia dos Bandeirantes localizou sítios arqueológicos





de grupos indígenas caçadores-coletores nos **Municípios de Campinas, Santa Bárbara do Oeste e Limeira, SP.**

No Município de Monte Mor, o portal do IPHAN registra a presença de três sítios arqueológicos associados às Tradições Umbu ou Tupiguarani (**tabela 1**).

Pardi et al, sd. Produziu o texto “Levantamento do Patrimônio Arqueológico da Região de Monte Mor” disponibilizado no site do IPHAN, onde registra a presença em Monte Mor de dez sítios arqueológicos pré-históricos (Santa Cruz, Aldeia do Porto, Santa Sofia, Vista Alegre, Córrego Azul, Rage Maluf, Tapajós, Quinhões da Boa Esperança, Caixa D’água e Perovinha), três históricos (Caminho dos Tropeiros, Mina de Carvão e Cemitério dos Escravos) e uma área de ocorrência arqueológica (apresentando raspadores e lascas grandes denominado Santa Rosa).

Dos dez sítios arqueológicos pré-históricos de Monte Mor, quatro apresentam material cerâmico, sendo que um deles, o Santa Sofia, apresentou cerâmica fina e enegrecida, o que não é característica da cerâmica da Tradição Tupiguarani. Dessa forma, esse material precisa ser analisado para que se possa associá-lo a uma tradição, ou quem sabe a um grupo indígena.

Entre os sítios de grupos caçadores-coletores associados a Tradição Umbu temos o Santa Cruz, Aldeia do Porto, Vista Alegre, Córrego Azul, Quinhões da Boa Esperança e São Pedro.

Segundo Pardi et al, sd. Esses sítios

apresentam artefatos de pequenas dimensões, geralmente elaborados sobre lascas retocadas por pressão. São pontas de arremesso diversificadas, bifaciais, furadores e raspadores, sobre matéria-prima variada denotando a preferência pelo sílex (PARDI et al, sd.:11).



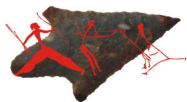
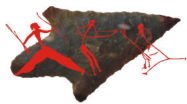


TABELA 1: SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DO MUNICÍPIO DE MONTE MOR

Sítio Características	Santa Cruz	Santa Sofia	Rage Maluf
Descrição	Área de lascamento com 2 ocorrências próximas.	Área de cultivo onde foi encontrada cerâmica diferente da Tupiguarani da região, área à céu aberto com farta irrigação e baixa visibilidade dada a cobertura vegetal.	Restos cerâmicos e líticos de uma pré-histórica, cultura tipo Tupi.
Área	10 m ²	200 m	0 m ²
Nome e sigla do documento cartográfico	Bairro Santa Cruz – SF-23-Y-A-V-3-SE-A 076/94	R Capivari Mirim 078/095 SF-23-Y-AV-3-SE-F	Capivari Mirim – 78/095 SF-23-Y-AV-3-SE-F
Altitude	570	0	0
Água Próxima	Cab. Água Choca/c. Candelária	Córregos	R. Capivari Mirim
Distância	100	50	100
Rio	Capivari Mirim		Capivari
Bacia	Piracicaba	Piracicaba	Piracicaba
Vegetação	Mata de Galeria, pastagem, área cultivada	alagadiça	Capoeira;
Uso atual da terra	Pasto; plantio; área devolutiva; estrutura de fazenda; Matas	Plantio; estrutura de fazenda;	Pasto; plantio; área devoluta; estrutura de fazenda;
Artefatos	Lítico lascado; lítico polido;	Lítico lascado; lítico polido; cerâmico;	Lítico lascado; lítico polido; cerâmico;
Acervo	Museu Municipal de Monte Mor	Museu Municipal de Monte Mor	Museu de Antropologia/PUCCAMP /Municipal de Monte Mor
Bibliografia 1	“Relatório de Vistoria Arqueológica a Monte Mor –SP” 7 e 8 de abril de 1998. Maria Lucia Franco Pardi – 9ª. CR/IPHAN/SP		“Relatório 9º CR-IPHAN (enviado em 26/01/1971)

Fonte: Portal do IPHAN, 2007





Entre os sítios de grupos horticultores-ceramistas de Monte Mor, da Tradição Tupiguarani destaca-se a Aldeia Pré-Histórica de Monte Mor, também conhecida pelo nome de Sítio Rage Maluf.

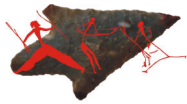
Na aldeia pré-histórica de Monte mor cuja idade, medida pelo método da termo-luminescência, é de 800 anos, mais ou menos, foi executada a escavação sistemática De uma quadra-piloto, de 5 por 5 metros. Os quase 3000 cacos de cerâmica, tipo “tupi-guarani”, encontrados nesta quadra, foram analisados do ponto de vista da localização, tanto no plano horizontal como na dimensão vertical, da espessura das paredes, da ornamentação das superfícies, das bordas dos vasos, de seus diâmetros e da possibilidade da seriação de varias características. A análise permitiu a formulação de varias conclusões referentes à cultura dos fabricantes de cerâmica. Não estão incluídos no presente trabalho, o estudo dos objetos não-cerâmicos – material lítico, carvão – encontrados na quadra-piloto, nem a análise dos outros, uns 7000 fragmentos cerâmicos e da urna funerária, encontrados em outros setores do mesmo sítio arqueológico. (MYAZAKI, N; AYTAI, D, 1974: 1).

Desse sítio foram retirados uma urna funerária piriforme corrugada com tampa em forma de prato pintada com motivos geométricos, uma fogueira com fragmentos de cinco panelas, fragmentos de cinco dentes humanos, 7.000 cacos de cerâmica (lisos, corrugados, unguados, engobados ou pintados), uma mão de pilão, pontas de flecha em sílex ou quartzo, uma pedra oval de polir, vários fragmentos de arenito usados para polir, implementos de pedras toscos. (MYAZAKI, N; AYTAI, D, 1974, p. 3 - 4).

Do exame da freqüência de cacos na quadra piloto do Sítio Rage Maluf foi possível constatar que:

Uma atividade prolongada e ininterrupta de fabricação de vasos que aumentou de um ano, sem recaída, embora a velocidade do desenvolvimento diminua permanentemente. Essa atividade parou derrepente, por razões desconhecidas, mas a parada não foi percebida por





uma degeneração ou estagnação artística e/ou tecnológica. Durante toda atividade ceramista houve uma diminuição dos vasos maiores e um aumento constante dos vasos menores, o que pode significar uma modificação profunda na estrutura do grupo que se transformou em unidades (famílias) menores, que se alimentavam separadamente, ou pode indicar o aperfeiçoamento da tecnologia e a fabricação de vasos que não serviam para satisfazer as necessidades básicas, mas sim, o capricho artístico dos fabricantes ... o tipo ungulado gradativamente “saiu de moda”, e o fim da época, esse tipo foi fabricado não só em pequeno número mas com poucos cuidados artísticos, também. Da mesma forma, constatamos que a cor vermelha como engobo também “saiu da moda”, sendo seu lugar ocupado pelo engobo branco e, parcialmente, pela faixa vermelha larga, no engobo branco. (MYAZAKI, N; AYTAL, D, 1974, p. 29).

Parte do material cerâmico do Sítio Rage Maluf está no Museu de Paulínia (10.192 fragmentos). Os tipos cerâmicos presentes nesse material foi estudado por Pazinato (1984) que verificou desenhos lineares em preto, vermelho ou marrom, engobo vermelho, engobo branco, engobo preto, faixas de cor vermelha principalmente, mas não exclusivamente nas bordas, faixas pretas sobre engobo vermelho.

Os índios que habitaram essa aldeia plantavam milho e para pillar o milho produziram um grande número de mão de pilão. A aldeia ocupava uma área numa direção de mais de 2 quilômetros. A forma exata da aldeia não é conhecida, mas provavelmente teve uma população numerosa. Vasilhas com capacidade para 140 litros indica população numerosa.

Além desses sítios ou áreas de ocorrências arqueológicas Desidério Aytai (1988: 12 e 13) arrola dez áreas de ocorrência de materiais arqueológicos no Município de Monte Mor segundo relatos de moradores. São eles:





- 1) presença de uma urna funerária na estrada de terra que leva de Monte Mor a Indaiatuba e Cardeal, do lado direito, a algumas centenas de metro além da fábrica Asvotec;
- 2) presença de uma fábrica de machado de pedra do lado direito da estrada de terra que leva ao bairro da Serra, na Chácara Santo Antônio, maiôs ou menos no ponto 7.460.000 e 261.000 da rede geodésica do mapa nº 077/094 da SEPLAN.
- 3) presença de núcleos lascados de sílex no quilometro 19 da Estrada Estadual 101, Campinas – Capivari, no terreno da Granja Sol. As peças estão na Universidade Católica de Campinas;
- 4) presença de um pequeno biface em rua recentemente aberta (1986), parela á Rua 1^o de Maio, perto da Granja Capuavinha, a uns 100 metros ao norte do ponto alto 587 do mapa citado no item 2;
- 5) presença de uma ponta de flecha de sílex (1950) na estrada velha (de terra) de Monte Mor – Capivari, a uns 5 kilometroa de Monte Mor, lado esquerdo, num vale de córrego seco. Foi doada para o Museu da Universidade Católica de Campinas;
- 6) presença de uma panela de índio, de uns quatro litros de volume, no jardim de uma casa na Avenida Jânio Quadros em Monte Mor, ao lado do Bradesco;
- 7) presença de 15 pontas de flecha em sítio localizado na Estrada Estadual 101, Campinas – Capivari, há alguns quilômetros de Monte Mor para o lado de Capivari;





- 8) presença de pontas de Flecha em sítio vizinho a área do Sítio Arqueológico Rage Maluf. As pontas de flecha estão no Museu Universitário da PUCC;
- 9) presença de duas mão de pilão de pedra e um fuso de pedra na região vizinha da Fazenda Rio Acima (1950);
- 10) presença de vários fragmentos de cerâmica no Sítio Nossa Senhora Aparecida, indo de Monte Mor para o Bairro Monte Belo, do lado direito da estrada (1988).

No **Município de Santa Bárbara D'Oeste, SP**, Caldarelli (2001) localizou três sítios arqueológicos de grupos caçadores-coletores denominados **Lagoa, Matão e Toledos**. Esse último foi datado de 2.900 e 2.700 anos BP. Moraes (1982), desse mesmo município estudou o material lítico do **Sítio Arqueológico Cayubi** localizado próximo a margem do Rio Piracicaba. O sítio de grupo caçador-coletor apresentou lascas, núcleos e artefatos como raspadores e pontas de flecha.

No Município de **Anhembi** registra-se a presença do Sítio Arqueológico SP – AB – 1.

No Município de **Laranjal Paulista** registra-se a presença dos Sítios São Pedro e Santo Antônio. O Sítio São Pedro é assoado a Tradição Umbu. Já o Sítio Santo Antônio é associado a Tradição Tupiguarani

No Município de **Capivari**, em 1982, durante uma construção foi encontrada uma igaçaba pintada (motivos marrons sobre engobo branco) com tampa e ossada humana. A urna foi doada para o Museu Estadual Cesário Motta e posteriormente entregue ao Museu Municipal de Paulínia para reconstrução e montagem. (PEREIRA, M. A. et al, 1982).

Ainda no Município de Capivari em 1982 foi encontrada uma segunda igaçaba com ossos humanos e tampa similar à primeira. Igaçaba e a tampa apresentaram pintura. Ela estava localizada há mais ou menos quatro





quilômetros do local onde estava a primeira, no Sítio Santo Antônio, Bairro das Palmeiras, propriedade do Sr. Álvaro Bet. (PAZINATTO, R.P., 1983:1 – 2).

No **Município de Limeira, SP**, Caldarelli (2001) localizou o **Sítio Arqueológico Santo Antonio** de grupo caçador-coletor. Ainda no Município de Limeira, na área de implantação da Usina Hidrelétrica Carioca evidenciou-se próximo ao Rio Piracicaba quatro líticos lascados. Como nenhuma outra evidência foi encontrada na área, considerou-se o achado uma ocorrência arqueológica e não um sítio arqueológico.

No **Museu Histórico e Pedagógico Bernardino de Campos, do Município de Amparo, SP** registrou-se a presença de cinco pedras polidas associadas a ocupações de grupos indígenas horticultores e uma pedra lascada associada a grupo indígena caçador-coletor. Das cinco pedras polidas, três são classificadas como lâmina de machado, uma como virote e uma como mão de pilão. A pedra lascada pode ser classificada como ponta de projétil confeccionada em sílex preto. O museu não possui dados a respeito do doador ou do local de procedência das peças, mas é provável que seja do Município de Amparo ou de municípios vizinhos.

Na bacia do Rio Mogi Guaçu, **Município de Mogi Guaçu, SP**, foi localizado o sítio mais antigo do Estado de São Paulo, datado entre 9.100 e 9.540 AP. Trata-se de ocupação de grupo caçador-coletor, onde foi encontrado líticos lascados espalhados na faixa de domínio da Rodovia SP-340, em 2002.

No **Município de Ipeúna, SP**, Miller Junior (1968: 47) aponta para a localização da **Jazida Arqueológica Tira Chapéu**. Esse sítio está localizado próximo ao Rio Passa Cinco, no quilômetro 197 da estrada Rio Claro - São Pedro. Segundo Miller Junior a jazida apresenta vestígios de três ocupações humanas distintas. A primeira delas denominada “**Tira Chapéu I**” caracteriza-se pelo uso do sílex preto não siltato para a confecção de grandes lascas discoidais, grossas peças talhadas e grandes raspadores discoidais trabalhados bifacialmente (Miller Junior, 1968: 75). A





segunda delas denominada **“Tira Chapéu II”**. Desse sítio Miller Junior analisou 164 peças lascadas, sendo 163 em sílex siltado do cinza claro até o cinza escuro e uma em sílex preto não siltado. Esse sítio apresentou fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex tabular, lâmina, lâmina prismática, lâmina lateral, lasca secundária e seixo fendido. As peças foram lascadas por percussão direta e trabalhadas unifacialmente por percussão direta e indireta (acabamento) (Miller Junior, 1968: 64). A terceira delas denominada **“Tira Chapéu III”**. Desse sítio Miller estudou 245 peças lascadas, sendo 244 em sílex siltado de cor cinza claro até o cinza escuro e uma peça em sílex preto não siltado. Esse sítio apresentou fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex tabular, lâmina, lâmina prismática, lâmina lateral, lasca secundária, seixo fendido e pedrinha fendida. As peças foram lascadas por percussão direta e trabalhadas unifacialmente. No acabamento notou-se a percussão direta, a percussão indireta, o esfregado, as serrações não removidas, os retoques irregulares, os sinais de bater, os retoques marginais e os micro-retoques. Os artefatos típicos desse sítio foram as facas, os raspadores, os formões, as plainas, as goivas e os furadores (Miller Junior, 1968: 50 - 51).

Ainda no **Município de Ipeúna, SP**, próximo ao Rio Pedreiras, afluente do Passa Cinco, aparece um afloramento, em um estrato de paleopavimento, de seixos rolados de quartzo e quartzito. Entre esses materiais Miller Junior coletou 313 peças líticas, entre elas artefatos miniaturizados. Essa ocupação foi denominada **“Monjolo Velho”**. Além das peças em quartzo e quartzito também foram evidenciadas peças em cristais naturais e concha fóssil. Esse sítio apresentou fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex tabular, lâmina, lâmina prismática, lâmina lateral, lasca secundária, seixo fendido, pedrinha fendida e cristais naturais não modificados. Os líticos desse sítio foram utilizados como agulha, goiva, raspador, furador ou faca (Miller, 1968: 77).





Também no **Município Ipeúna, SP**, Miller Junior localizou a ocupação denominada “**Bairro do Cabeça**”, próximo a ponte do Bairro do Cabeça, que atravessa o Rio Cabeça, no terraço médio, no paleopavimento que varia de 15 a 80 centímetros. Nesse paleopavimento em meio aos seixos de quartzos, quatzitos e fragmentos de sílex foram coletadas 211 peças trabalhadas em sílex não siltado, sílex siltado, quartzo, quartzito, arenito botucatu e arenito bauru. Esse sítio apresentou fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex tabular, lâmina, lâmina prismática, lâmina lateral, lasca secundária, seixo fendido, pedrinha fendida e pedra rolado do rio. Os líticos desse sítio foram manufaturados por percussão direta. No acabamento nota-se a percussão direta e indireta, o esfregado, as serrações não removidas, os sinais de bater, os retoques marginais e os micro-retoques. Os líticos típicos desse sítio são o formão, a agulha e o furador (Miller Junior, 1968: 88 – 99).

A “**Jazida da Serra D’Água**”, localizada no **Município de Rio Claro, SP**, próximo à confluência dos Rios Passa Cinco e Cabeça. Desse sítio foram coletadas 229 peças em sílex e quartzo. Esse sítio apresentou fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex tabular, seixo fendido e pedrinha fendida. Os líticos desse sítio foram obtidos por percussão direta. No acabamento nota-se a percussão direta e indireta, o esfregado, as serrações, os sinais de bater, os retoques marginais e os micro-retoques. Os líticos típicos dessa ocupação são o raspador, a faca, o formão e os furadores (Miller Junior, 1968: 95-96).

A “**Jazida de Tamandupá**” está localizada no **Município de Rio Claro, SP**, em área entre os Rios Guarumim e Corumbataí e acima da Usina Tamandupá, numa camada que varia entre 15 e 20 centímetros. Desse sítio coletou-se 326 peças em sílex siltado, sílex não siltado e quartzito, entre elas fragmento sem forma, núcleo, lasca primária, chapa de sílex, lâmina, lâmina prismática, lâmina lateral, lasca secundária, seixo





fendido e pedrinha fendida. Os líticos desse sítio foram obtidos por percussão direta. No acabamento nota-se a percussão direta e indireta, o esfregado, as serrações, os sinais de bater, os retoques marginais e os micro-retoques. Os líticos típicos dessa ocupação são as facas, canivetes, pontas, talhadeiras, machados, goivas, chopping e raspadores plano-convexo.

Também no **Município de Rio Claro, SP**, Miller Junior (1972) registrou dois sítios de grupos horticultores ceramistas relacionados a Tradição Itararé.

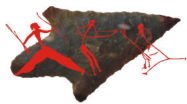
Os trabalhos de Miller Junior tornaram a **região de Rio Claro** conhecida do ponto de vista da arqueologia pré-histórica. Esse autor estudou os artefatos líticos de mais de 80 sítios de grupos caçadores coletores que implantaram seus assentamentos sazonais ao longo da bacia do Rio Corumbataí, afluente do Rio Piracicaba.

Nos **Municípios de Piracicaba, São Carlos e Itirapina, SP**, Altenfelder Silva (1967, 1968) registra a presença de grupos horticultores ceramistas relacionados à Tradição Tupiguarani. O **Almanaque de Piracicaba** (1955) registra a presença de fragmentos de cerâmica relacionados à Tradição Tupiguarani na margem esquerda do Rio Piracicaba em Piracicaba. Caldarelli (2001, 2002) registra a presença de sítios históricos em Piracicaba.

Abreu (1983) aponta para a presença de três sítios arqueológicos na bacia do Ribeirão dos Toledos, afluente do Rio Piracicaba, localizado no **Município de Vinhedo, SP**. Os materiais evidenciados foram associados a grupos ceramistas horticultores que confeccionaram a cerâmica da Tradição Tupiguarani. Nesses sítios evidenciou, além do material cerâmico, pedras polidas e esqueletos.

Quanto aos sítios relacionados à Arqueologia do Período Histórico encontramos no **Município de Vinhedo, SP**, ocupação que





apresentam elementos da Tradição Tupiguarani associados aos da cultura africana proveniente dos escravos negros e seus descendentes.

Caldarelli 2001 et all em artigo “Do Caminho Novo Das Minas Gerais à Rodovia Fernão Dias: Arqueologia de uma Estrada Paulista” relata a presença de cinco sítios arqueológicos históricos no Município de **Atibaia**, a saber:

- “1. Sítio Arqueológico Atibaia 1, no Município de Atibaia, implantado sobre baixa vertente de morro, nas proximidades do Ribeirão do Onofre. Tratava-se de sítio histórico, já bastante degradado, com cultura material constituída por cerâmica histórica e objetos de louça.
2. Sítio Arqueológico Atibaia 2, no Município de Atibaia. Tratava-se de sítio histórico a céu aberto, localizado no Bairro do Rosário, em terraço aluvial situado na cabeceira de um formador do Ribeirão do Onofre. As evidências arqueológicas consistiam numa área aplainada com solo orgânico escuro (fundos de uma antiga residência, posteriormente demolida) e em telhas antigas.
3. Sítio Arqueológico Atibaia 3, no Município de Atibaia, Bairro do Rosário, sobre alta vertente de colina, nas proximidades de um formador do Ribeirão do Onofre. Foram registradas as ruínas de uma antiga olaria, feita de adobe.
4. Sítio Arqueológico Atibaia 4, também no Município de Atibaia, Bairro do Portão, sobre baixa vertente de morrote, à margem do Ribeirão do Onofre, onde foram registradas as estruturas de um forno retangular, de cascalho e tijolo.
5. Sítio Arqueológico Atibaia 5, também no Município de Atibaia, localizado na Fazenda Sete Colinas, em área de topografia suave, baixa vertente, nas fraldas da Serra da Mantiqueira, a aproximadamente 25 metros de formador do Rio Atibaia. No local, foram encontrados fragmentos de louça do século XIX”.

Do exposto, podemos afirmar que a região em estudo apresenta alto potencial arqueológico, ainda pouco pesquisado, haja vista a ausência de pesquisas arqueológicas sistemáticas na área.





O Museu Municipal de Monte Mor “Elisabeth Aytai” foi criado por iniciativa de Desidério Aytai, com o apoio da comunidade e da equipe que resgatou, preservou e difundiu a história e a pré-história do município de Monte Mor, SP e de seu entorno (PARDI et al, sd, p. 1-2).

Nesse museu podemos observar materiais de grupos caçadores-coletores da Tradição Umbu (**Foto 39**) e de horticultores-ceramistas da Tradição Tupiguarani (**Fotos 40 a 46**). A presença de uma cerâmica fina e enegrecida, certamente não pertencente à Tradição Tupiguarani evidencia uma outra tradição arqueológica no município.



Foto 39: Museu Municipal de Monte Mor “Elisabeth Aytai”. Ponta de flecha da Tradição Umbu.



Foto 40: Museu Municipal de Monte Mor “Elisabeth Aytai”. Tortuais de fuso.



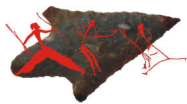


Foto 41: Museu Municipal de Monte Mor “Elisabeth Aytai”. Tampa de Urna da Tradição Tupiguarani.



Foto 42: Museu Municipal de Monte Mor “Elisabeth Aytai”. Urna com tampa da Tradição Tupiguarani.



Foto 43: Museu Municipal de Monte Mor “Elisabeth Aytai”. Urna com tampa da Tradição Tupiguarani.





Foto 44: Museu Municipal de Monte Mor “Elisabeth Aytai”. Vista interna.



Foto 45: Museu Municipal de Monte Mor “Elisabeth Aytai”. Foto de escavação exposta no Museu.



Foto 46: Museu Municipal de Monte Mor “Elisabeth Aytai”. Vasilha cerâmica de grupo jê.





Os materiais arqueológicos resgatados nos Sítios Rage Maluf, Tapajós e na frente da fábrica Asvotec, no período de 1971 a 1976, estão no Museu de Monte Mor e no Museu Universitário da Pontifícia Universidade Católica de Campinas . (AYTAI, 1988: 12).

O Museu Municipal de Paulínia possui material cerâmico (10.192 fragmentos cerâmicos) da aldeia pré-histórica de Monte Mor.

2.3. 2. Breve Esboço Etno-Histórico da Região de Campinas

A ocupação pretérita da área definida hoje como grande região de Campinas perde-se no tempo, sendo registrada, quando do início da colonização européia (Século XVI), a presença de índios de fala Tupi e de uma outra etnia, os “*Guarus*” ou “*Guarulhos*”, de língua desconhecida, provavelmente do tronco lingüístico Macro-Jê (CALDARELLI *et. al.*, 2001). O destino desses grupos indígenas foi o extermínio ou absorção pela sociedade brasileira que, desde o Século XVI, se implantou nesse meio, através de uma verdadeira “devastação” das matas e das gentes (ABREU, 1934).

A ocupação histórica dessa região tem início com a fundação de vilas, estratégia adotada pelo império português para a fixação humana no território da colônia brasileira. Desde 1532, quando Martin Afonso de Souza funda a Vila de São Vicente, dissemina-se, pelo território paulista, a ocupação européia. Em 1655, já se tem notícia da localidade de Mato Grosso de Jundiaí (atual Jundiaí), de onde partiriam os desbravadores de uma zona mais ao norte, denominada Campinhos do Mato Grosso. A principal característica natural dessa área, justamente o que lhe dá o nome, é o confronto da mata fechada, característica do sertão paulista, com uma região de campina – importante para referência e pouso dos viajantes. A primeira atividade econômica dessa área foi, exatamente, ser ponto de passagem dos bandeirantes, que seguiam por uma rota até Goiás.





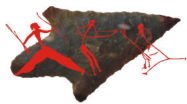
Entre 1728 e 1744, é registrada a doação de várias sesmarias nessa região: Campinhos do Mato Grosso, Estrada de Goiás (duas sesmarias com esse nome), Ribeirão dos Pinheiros, Rio Jaguari e Rio Atibaia (MELLO PUPO, 1969). Ali se estabeleceram agricultores, fornecedores de víveres para os viajantes, e se desenvolveu uma insipiente economia, baseada na lavoura do milho, da mandioca e do feijão, além da circulação de tropas.

Segundo Mello Pupo, tornou-se conhecida, nessa época, não um assentamento humano estável, mas um local de tráfego e pouso chamado “*Pouso dos Três Campinhos*” (MELLO PUPO, 1969, p. 26-27). A primeira realização de uso coletivo erigida pela população rural de Campinas, constituiu-se de um cemitério, que a pesquisa histórica documentou como já existindo em 1753 (MELLO PUPO, 1969, p. 23).

O primeiro recenseamento do bairro (1767) registrou 265 habitantes. Segundo o mesmo historiador, esse número engloba também habitantes do bairro da Rocinha (hoje Vinhedo), sem os quais, o número de moradores de Campinas nessa época não ultrapassava 185 pessoas (MELLO PUPO, 1969, p. 28-30). Em 1772, os moradores entre Jundiá e Moji Mirim demandam autorização eclesiástica para a edificação de uma capela na paragem chamada “*Campinas*” – um marco arquitetônico definitivo no estabelecimento do bairro, já registrada em documentos em 1774 (MELLO PUPO, 1969, p. 43) – ano tido como de fundação de Campinas.

Registra-se, nos momentos finais do regime escravagista, a chegada dos primeiros imigrantes italianos e portugueses, para exercerem trabalho nas lavouras (AYTAI, 1988, p. 28). A partir daí, a influência cultural e econômica da população imigrante – tão influente no interior paulista – será intensa. Cana-de-açúcar e café foram, à época, os principais produtos agrícolas da região.





A atividade industrial esteve presente desde o princípio do século passado, mas será fortemente intensificada após a Segunda Guerra (1945). A forte atividade econômica de Campinas no início do Século XX explica o quarto período de transformação regional, à partir de 1926 (PARDI, RANGEL e CORADEL, 1999).

